

Roda do Futuro: reflexão crítica sobre uma abordagem de imaginação e ação coletiva para futuros decoloniais

Wheel of the Future: a critical reflection on an approach of imagination and collective action for decolonial futures.

Jaqueline Lucas Ferreira da Rosa, mestrande, Universidade de Brasília.

jaqlucass@gmail.com

Rafaella de Castro Lacerda, doutoranda, Universidade de Brasília.

Rafaella.c.lacerda@gmail.com

Maibe Marocolo Lima, mestrande, Universidade de Brasília.

maibemarocolo@gmail.com

Breno Tenório Ramalho de Abreu, doutor, Universidade de Brasília.

abreubrenodesign@gmail.com

Clarice Carvalho Garcia, doutora, University of Technology Sydney

garciaclarice@gmail.com

Número da sessão temática da submissão – [05]

RESUMO

Este artigo apresenta a Roda do Futuro como uma abordagem de imaginação e ação coletiva desenvolvida e aplicada na Universidade (omitido para revisão às cegas), no âmbito da disciplina *Futuros Decoloniais*. A experiência nasce do desejo de criar um espaço de escuta e criação de futuros a partir de perspectivas do Sul global, articulando pensamento crítico, saberes tradicionais e práticas ecológico-relacionais. Inspirada em conceitos contracoloniais de oralituras, confluências e afetos, e em diálogo direto com as ideias de design de culturas regenerativas, a Roda propõe deslocar o planejamento técnico para o encontro vivo entre pessoas, territórios e memórias. Os resultados evidenciam que a abordagem fortalece processos de aprendizado comunitário, reconecta corpo e território e transforma a imaginação em ação situada, promovendo uma pedagogia do cuidado e da coletividade. O texto apresenta ainda desafios e possibilidades de continuidade dessa prática em contextos educativos e sociais diversos.

Palavras-chave: decolonialidade; imaginação coletiva; futuro; território; culturas regenerativas.

ABSTRACT

This article presents the Roda do Futuro as an approach to imagination and collective action developed and applied at the University (omitted for blind review), within the course Decolonial Futures. The experience arises from the desire to create a space for listening and creating futures from Global South perspectives, articulating critical thinking, traditional knowledge, and ecological-relational practices.

Inspired by contrcolonial concepts of oralituras, confluences, and affections, and in direct dialogue with ideas from regenerative cultures design, the Roda proposes shifting technical planning toward the living encounter among people, territories, and memories. The results show that the approach strengthens community learning processes, reconnects body and territory, and transforms imagination into situated action, promoting a pedagogy of care and collectivity. The text also presents challenges and possibilities for continuing this practice in diverse educational and social contexts.

Keywords: decoloniality; collective imagination; future; territory; regenerative design.

1. Introdução

A Roda do Futuro surgiu como uma abordagem autoral, experimental e coletiva desenvolvida na Universidade de Brasília, no contexto da disciplina *Futuros Decoloniais*. Nascida de um ambiente acadêmico que se propõe a questionar as epistemologias dominantes e a reconstruir modos de imaginar, planejar e agir, essa prática se consolidou como uma alternativa aos métodos hegemônicos de planejamento e projeção do futuro — aquelas centradas na racionalidade linear, na mensuração técnica e na neutralidade ilusória do conhecimento científico moderno. Em contraposição, a Roda do Futuro se ancora em princípios de reciprocidade, afeto, regeneração, circularidade e ancestralidade, reconhecendo que imaginar futuros é também um ato político, sensível e comunitário. Essa abordagem tem como propósito abrir um espaço de escuta e imaginação, no qual o futuro é construído com corpo, palavra e vínculo, e não apenas com indicadores, métricas e previsões.

O objetivo deste estudo é projetar e testar a aplicação da Roda do Futuro, como tecnologia social de imaginação coletiva e decisão situada que desloca o planejamento prescritivo para vínculos, contexto e cuidado. O presente artigo propõe explicitar as bases teóricas que sustentam a abordagem através dos autores brasileiros Antônio Nego Bispo, Leda Maria Martins, Geni Nuñez e Davi Kopenawa, que vão ao encontro dos conceitos de culturas regenerativas de Daniel Christian Wahl, do habitar de Tim Ingold e da colonialidade, de Walter D. Mignolo. Esta pesquisa também se dedica a descrever os procedimentos de aplicação da abordagem na Universidade (omitido para revisão às cegas), analisar resultados e sistematizar limites e pontos de atenção.

A Roda do Futuro busca responder a dois impasses: o epistemológico, com a persistência de formatos lineares, neutros e extrativistas de planejar o futuro e o pedagógico, com a distância entre ensino e território. A partir dos princípios decoloniais e regenerativos, desloca-se o ponto de partida do instrumento para o contexto, da forma pré-dada para o vínculo, e da previsão para a imaginação situada.

2. Preparação: fundamentação teórica

A colonialidade, iniciada no século XVI com a expansão atlântica, instituiu uma matriz global de poder baseada no controle da economia, da autoridade, do gênero e do conhecimento. Segundo Mignolo (2017), esse regime se consolidou pela colonização do tempo — que posicionou a Europa como ápice da história — e do espaço — que “inventou” a América como território a ser apropriado. No nível epistêmico, a colonialidade apagou saberes situados e impôs um universalismo ocidental que separa natureza e cultura, substituindo cosmologias como a de *pachamama* por uma noção de “natureza” convertida, sobretudo após a Revolução Industrial, em “recursos naturais” destinados à exploração contínua.

Em resposta, a decolonialidade propõe um projeto ético-político que desafia as enunciações hegemônicas, reabre horizontes plurais de conhecimento e recupera ontologias que articulam vida humana e mais-que-humana de forma relacional. Mignolo (2017, p. 13), se inspira no princípio zapatista de “um mundo em que muitos mundos coexistam”, para descrever a perspectiva decolonial como aquela que rejeita a imposição de uma única verdade histórica e aposta na coexistência de múltiplas racionalidades. Assim, decolonizar significa

desvincular-se da matriz colonial e construir modos outros de existência, sociabilidade e produção de conhecimento.

Inspirada por saberes indígenas, afro-brasileiros e populares, a Roda do Futuro recupera o gesto ancestral da roda como tecnologia de encontro — um espaço horizontal e plural onde as vozes se escutam mutuamente e o saber se produz na convivência. O círculo não é apenas uma forma geométrica, mas um princípio ético e ontológico. Ele simboliza um campo de trocas, no qual o conhecimento se move em espiral e o aprendizado acontece pelo afeto, pela experiência e pela escuta.

Essa concepção dialoga diretamente com a noção de tempo espiralar elaborada por Leda Maria Martins (2021), segundo a qual a temporalidade afro-diaspórica rompe com a linearidade do progresso e propõe um tempo de retorno e transformação, em que o passado e o futuro se entrelaçam no presente performativo. Assim, o ritual de abertura, os gestos corporais e o canto que marcam o início da Roda não são meros enfeites simbólicos, mas chaves que reativam o tempo como território vivo de ancestralidades e reinvenções.

O princípio da confluência, descrito por Nego Bispo (2023), é igualmente central para compreender o ethos dessa prática. Ao propor uma substituição das palavras e práticas coloniais — como “desenvolvimento” por “envolvimento” —, Bispo defende que a transformação se faz por encontros de fluxos, e não pela submissão de um saber a outro. A Roda do Futuro é, nesse sentido, um exercício de confluência: nela, ideias diversas não se apagam, mas coexistem e se fortalecem mutuamente. O centro da roda, que pode conter objetos simbólicos, sementes, fotografias ou frases inspiradoras, funciona como território de convergência entre o sensível e o político, entre o passado e o porvir. Esse espaço central, compartilhado e visível, é também o ponto de equilíbrio entre vozes e corpos, o lugar onde a palavra se materializa e se multiplica.

Leda Maria Martins (2021), também evidencia a notoriedade de considerarmos as inscrições orais e corporais, enquanto episteme contracolonial tão importantes para a elaboração e compartilhamento de conhecimento, quanto as vias figuradas pela escrita. A reflexão da autora sobre a primazia do letramento e a imposição colonial da escrita como forma hegemônica de conhecimento evidencia uma das dimensões mais profundas da colonização: o epistemicídio — a destruição sistemática de modos outros de saber e de existir. A escrita alfabética europeia, apresentada como universal, verdadeira e civilizatória, instaurou-se como instrumento de dominação simbólica, desqualificando as formas orais, gestuais e performáticas que estruturavam os sistemas de conhecimento dos povos africanos e indígenas. Nesse processo, o corpo — lugar de memória, de inscrição e de transmissão de saberes — foi subalternizado, ao mesmo tempo em que resistia à lógica de apagamento.

A “civilização da escrita”, como diz Martins (2021), não foi apenas uma introdução tecnológica ou cultural, mas uma imposição epistemológica: ela reconfigurou hierarquias, deslocou cosmologias e instituiu uma fronteira entre o que seria reconhecido como saber e o que passaria a ser visto como superstição, mito ou prática herética. Ao negar legitimidade às epistemologias orais e corpóreas, o projeto colonial buscou desarticular as redes de transmissão de conhecimento que sustentavam as coletividades subjugadas. No entanto, como lembra a autora, esses saberes não desapareceram — eles sobreviveram pela via da performance, da oralidade e da reinvenção simbólica. A corporeidade tornou-se, assim, um

arquivo vivo, onde memória e resistência se entrelaçam em gestos, cantos, danças, rituais e modos de fazer que escapam à lógica letrada.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que as práticas contracoloniais de oralidades e corporalidades, compõem um potente instrumento de design alinhado com os conceitos atualizados de sustentabilidade e bem viver. O debate contemporâneo sobre sustentabilidade evidencia que não se trata de um estado fixo, mas de um processo dinâmico de coevolução entre sistemas humanos e naturais. Wahl (2020) argumenta que o design regenerativo deve ser compreendido como prática cultural capaz de fomentar aprendizagens contínuas e transformações adaptativas diante da inevitabilidade da mudança. A separação entre natureza e cultura, historicamente reforçada por paradigmas modernos, sustenta modelos econômicos baseados na escassez e na competição; em contraposição, culturas regenerativas valorizam a colaboração e a abundância compartilhada, articulando soluções localmente adaptadas e globalmente conectadas.

É crucial compreendermos a palavra “global” como uma forma diversa, reconhecendo as individualidades existentes dentro do globo. Bispo (2023), critica a noção de globalização colonial, que busca uniformizar modos de vida e perpetuar a centralização do poder econômico em culturas eurocentradas, enfatizando que “quando dizemos ‘globo’, estamos englobando e, ao mesmo tempo, reconhecendo as individualidades que existem dentro do globo” (Dos Santos, 2023, p.32). Portanto, a construção de culturas regenerativas implica uma transição de perspectivas egocêntricas para visões biocêntricas e cosmocêntricas, nas quais o ser humano se reconhece como parte de uma comunidade de vida interdependente. Essa mudança de consciência demanda processos educativos voltados para a aprendizagem ao longo da vida, que segundo Wahl (2020), são sustentados por práticas comunitárias de diálogo e pela disposição de “viver as questões” em conjunto. Nessa chave, o design deixa de ser mera solução técnica e assume a função de mediador de transformações culturais, sociais e tecnológicas orientadas para a regeneração.

Sustentabilidade, portanto, deve ser entendida como prática relacional e processual, vinculada à capacidade de cocriar narrativas coletivas que ampliem a abundância biocultural e fortaleçam a resiliência dos sistemas socioecológicos. O desafio do design contemporâneo consiste em apoiar a transição para culturas regenerativas que reconheçam a interconexão entre escalas locais e globais, entre processos rápidos e lentos, e entre dimensões materiais e simbólicas da vida, orientando a intenção coletiva rumo a futuros desejáveis.

Dessa forma, a abordagem Roda de Futuros, pretende ser lida como uma alternativa complementar às práticas e conhecimentos já aplicados formalmente no âmbito acadêmico, profissional, social e comunitário e não apenas ir de encontro aos sistemas vigentes. E é a partir de uma visão de mundo pluriversal que opera a abordagem apresentada neste artigo, visando uma compreensão e uma interconexão entre mente e corpo, razão e emoção, natureza e cultura. Nesta perspectiva, a autora Geni Nuñez (p. 75), afirma que “Descolonizar o pensamento não deve ser um processo mental, mas interconectado com todas as nossas dimensões”.

3. Procedimentos metodológicos

A Roda do Futuro nasceu como desdobramento da atividade final da disciplina *Futuros Decoloniais*, na qual os grupos foram convidados a criar uma ferramenta prática para imaginar futuros a partir de perspectivas do sul global. O grupo tomou como base o pensamento de Antônio Bispo dos Santos (2023), especialmente sua concepção não linear de tempo e espaço, ao afirmar a máxima: “Nós somos o começo, o meio e o começo”, o que destacou a centralidade da circularidade nas culturas tradicionais brasileiras. A partir desse referencial, a roda de conversa foi escolhida como tecnologia ancestral orientadora da abordagem, reconhecendo a figura da roda como presença constante em práticas tradicionais brasileiras como a ciranda, a capoeira, o samba, a gira e etc. Esse movimento inicial resultou no croqui que estruturou a ferramenta, expresso na figura 1.

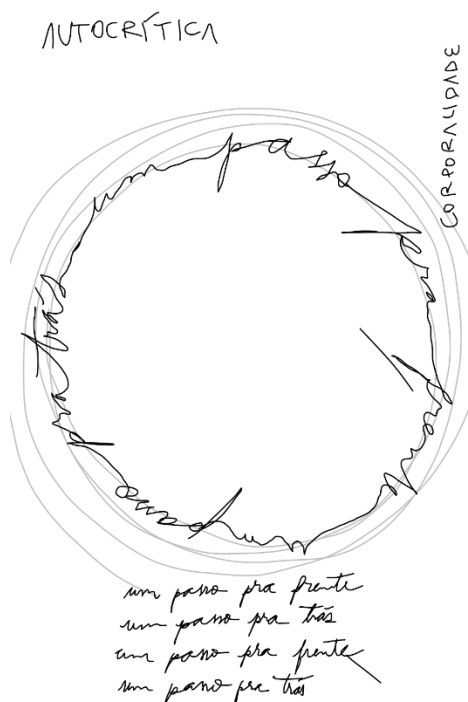


Figura 1: Framework da Roda do Futuro. Fonte: Os Autores (2025).

O exercício de desenhar as ideias norteadoras da abordagem evidenciou, além da circularidade, a importância de pensarmos a corporalidade e a oralidade na prática proposta, conceitos que trouxeram a pensadora Leda Maria Martins e sua *Performance do Tempo Espiral* (2021), como a segunda base teórica da abordagem. A ferramenta foi pensada para ser aplicada em duas etapas, a preparação e o encontro. O encontro é dividido em cinco momentos: a chegada, como momento introdutório mais holístico; a conversa, como espaço de conexão e expressão; o telefone do futuro, como momento lúdico e descontraído; a devolutiva, como proposta de frutos e continuidade da roda; e por fim, a finalização, que assim como a chegada, foi pensada para ser uma prática corporal de fechamento momentâneo da roda.

A aplicação da abordagem ocorreu como uma investigação-ação em sala de aula, envolvendo dez participantes que experimentaram e aprimoraram as práticas propostas pela ferramenta. Desde o início, foram adotados cuidados éticos essenciais: todos receberam informações claras sobre os procedimentos, incluindo o compartilhamento das ideias produzidas na Roda, o registro de imagens da dinâmica e a coleta de relatos e entrevistas. A participação foi voluntária, e cada pessoa pôde decidir sobre sua forma de contribuição. Todo o material gerado foi posteriormente apresentado ao grupo, garantindo transparência, validação coletiva e respeito ao consentimento informado.

Após a aplicação da abordagem, os participantes reuniram-se novamente para compartilhar percepções e discutir os principais pontos de atenção da dinâmica. Nesse momento, o Jornal do Futuro circulou entre o grupo, permitindo que todos acessassem as frases, desenhos e ideias produzidos coletivamente pela Roda. Entre os materiais gerados, a Lista de Colheita foi a que despertou maior engajamento: a partir dela, a Roda sugeriu ações voltadas à construção de ambientes acadêmicos mais comunitários e biocentrados, como a criação de um espaço de convivência com redário, a implantação de um jardim de plantas tintoriais e um curso de extensão posteriormente realizado no LabModa.

Com o propósito de manter a abordagem viva e aprimorá-la, os criadores da Roda reuniram-se on-line em outras quatro ocasiões após a dinâmica, o que gerou discussões potentes sobre o trabalho realizado e sobre as possibilidades de desdobramentos futuros do projeto. Os registros e reflexões produzidos nesse processo fortaleceram a coesão do grupo e impulsionaram a continuidade deste estudo, contribuindo para a consolidação de novas parcerias e pesquisas.

A coleta de dados ocorreu de forma integrada ao desenvolvimento da investigação-ação, combinando registros produzidos durante a dinâmica e materiais gerados pelos participantes. O processo envolveu três frentes principais: registros observacionais durante a aplicação da abordagem, produções coletivas da dinâmica criadas em grupo e relatos e entrevistas posteriores com os participantes.

4. Resultados

Durante a aplicação da abordagem, percebeu-se que a potência da Roda não está apenas nas suas etapas, mas na qualidade das relações que se tecem entre elas. A preparação, por exemplo, representa mais do que uma metáfora poética, é um gesto de cuidado com o tempo e com as pessoas que participarão. Acolher participantes com alegria, escolher um lugar que convide à presença e criar um ambiente onde o corpo possa respirar são condições que, muitas vezes, passam despercebidas em práticas acadêmicas ou institucionais, mas que revelam uma pedagogia profunda do habitar. Tim Ingold (2000) descreve o habitar (*dwelling*) como uma forma de conhecimento enraizada na experiência corporal e ecológica do mundo — um modo de estar e aprender com o ambiente, em vez de projetar-se sobre ele. A Roda do Futuro se apropria dessa perspectiva: o lugar da roda — uma sombra, um pátio, uma grama — não é cenário, é parte da aprendizagem. A paisagem torna-se participante ativa, moldando o ritmo, o tom e o fluxo das conversas.

Na etapa de abertura, o ritual de respiração, o canto ou a ciranda inicial cumprem a função

de alinhar o coletivo e marcar o início da comunhão de sentidos. O bastão da fala, um objeto simples e simbólico, circula de mão em mão, garantindo que a escuta se torne gesto, e não apenas intenção. Essa materialidade do discurso — tocar o bastão, vê-lo passar — restabelece a ligação entre corpo e palavra, rompida pela racionalidade moderna. As anotações no caderno coletivo substituem as atas hierárquicas e burocráticas: o registro é feito à vista de todos, com escrita legível e aberta à intervenção. A memória, aqui, é coletiva e orgânica — um mapa vivo das ideias que se entrelaçam e se corrigem mutuamente. Essa prática recupera a ideia de que escrever é também um ato político e afetivo, um modo de visibilizar saberes que historicamente foram silenciados.

O chamado “telefone do futuro”, foi a etapa de imaginação, onde cada participante sopra uma frase sobre o futuro desejado, que circulava em sussurros até retornar transformada. Esse exercício, além de lúdico, produziu um deslocamento epistemológico: o futuro deixou de ser objeto de previsão para tornar-se espaço de escuta e tradução. Trata-se de uma pedagogia da alteridade e da incerteza, na qual o sentido se reinventa na passagem de um corpo para outro. Essa dinâmica, embora simples, traduz a ética de Geni Núñez (2023), para quem a descolonização dos afetos é um caminho para reconstruir os vínculos comunitários e desafiar as normatividades coloniais das emoções e das relações. Ao circular o sopro do futuro, a roda pratica essa descolonização: rompe o monopólio da razão e devolve à imaginação seu caráter compartilhado e afetivo.

O encerramento da roda, marcado por um gesto, uma música ou uma respiração coletiva, cumpre a função de transformar o fim em recomeço. Cada encontro gera novos compromissos, registrados na lista de colheita, em que os participantes anotam pequenas ações a realizar. Essas ações são sementes, não metas; representam o princípio da responsabilidade compartilhada, no qual o saber não termina no debate, mas continua no cotidiano. O “Jornal da Roda”, composto pelas páginas do caderno coletivo, as frases do jardim de desejos e os compromissos assumidos, funciona como devolutiva ética, um registro que retorna à comunidade e alimenta a continuidade do processo. Na figura 2, podemos conferir um dos momentos da aplicação da abordagem.



Figura 2: Aplicação da Roda do Futuro. Fonte: Os Autores (2025).

5. Discussão

Uma análise crítica da experiência mostra que a Roda do Futuro não está isenta de tensões e riscos. Sua força, que reside na horizontalidade e na abertura, pode também gerar fragilidades. O primeiro desafio diz respeito à composição do grupo, a diversidade é essencial, mas exige tempo e mediação cuidadosa. Outro risco é o da facilitação invisível. A ausência de condução explícita pode reforçar hierarquias sutis de fala e essa tensão se torna ainda mais evidente quando a abordagem é aplicada em espaços institucionais marcados por desigualdades de gênero, raça e classe. O equilíbrio entre liberdade e estrutura é delicado e deve ser constantemente renegociado.

Também se observou a necessidade de um ritmo sustentável. A potência simbólica da roda pode se perder se não houver continuidade, acompanhamento das ações e cuidados com o desgaste afetivo. Rodas sem devolutiva ou sobrecarga de tarefas tendem a gerar cansaço e descrença. Outro ponto crítico é o registro e o consentimento. Fotografias e áudios, se feitos sem protocolo, podem violar intimidades ou ser usados fora de contexto. A Roda exige, portanto, uma ética rigorosa de cuidado com os dados, pautada no princípio de que tudo o que é compartilhado deve retornar como bem comum, não como material de consumo institucional.

Apesar desses desafios, a Roda do Futuro se mostrou, na prática, uma ferramenta pedagógica e política capaz de deslocar a própria ideia de “ensinar e planejar”, propondo um processo de habitação mútua — entre corpos, saberes e territórios — que faz emergir formas de pensar e agir em comum. Ao mesmo tempo em que tensiona as estruturas acadêmicas, a abordagem também oferece caminhos para que a universidade se reconecte com o mundo vivido e com as inteligências do cotidiano. Nesse sentido, ela se aproxima da cosmopolítica de Davi Kopenawa (2023), ao afirmar que imaginar o futuro é também proteger as palavras dos espíritos — ou seja, cuidar dos vínculos que sustentam a existência.

6. Considerações finais

Em síntese, a Roda do Futuro, tal como criada e aplicada na disciplina Futuros Decoloniais, constitui um exercício de epistemologia viva: um espaço em que o pensamento se produz em movimento, no corpo e na relação. Trata-se de uma ferramenta original, concebida especificamente para este contexto e inexistente em metodologias consolidadas do campo, o que lhe confere caráter inédito e de autoria coletiva. É uma prática de imaginação radical e de cuidado radical que não apenas adapta técnicas existentes, mas inaugura um modo próprio de construir futuros a partir de perspectivas decoloniais. Sua autoavaliação evidencia tanto as conquistas quanto as vulnerabilidades de propor uma abordagem desse tipo dentro de uma instituição ainda estruturada por paradigmas coloniais, e é justamente nesse tensionamento que reside a força e a singularidade da proposta.

Os resultados obtidos permitem afirmar que o objetivo geral deste estudo foi satisfatoriamente atingido. As evidências emergem tanto da experiência vivida pelos participantes quanto dos registros produzidos no caderno coletivo. Esses materiais demonstram que a abordagem favoreceu a criação de um ambiente de escuta sensível, estimulou a imaginação compartilhada e gerou compromissos concretos de ação. Além disso,

a reconexão entre corpo, palavra e território, expressa nos rituais corporais, no bastão da fala e na escrita coletiva, evidencia que a Roda opera como prática de sustentabilidade relacional, fortalecendo vínculos que sustentam processos de aprendizagem e transformação.

As contribuições deste trabalho se desdobram em múltiplas camadas. Para a sociedade, a Roda do Futuro oferece uma metodologia acessível e comunitária que promove participação, diálogo e uma compreensão ampliada de sustentabilidade. Ao valorizar saberes tradicionais, práticas corporais e cosmologias do Sul global, contribui para regenerar formas de convivência e cuidado historicamente marginalizadas pela racionalidade colonial. Para o campo do design, o estudo amplia o repertório metodológico ao incorporar princípios decoloniais e regenerativos como fundamentos legítimos de projeto. A Roda desloca o foco da solução técnica para o encontro vivo, reconhecendo que sustentabilidade não é apenas um conjunto de métricas ambientais, mas um processo contínuo de coevolução entre pessoas, territórios e sistemas de vida. Ao articular imaginação, afeto e ancestralidade, contribui para consolidar uma perspectiva de design orientada para a regeneração.

Quanto às perspectivas de continuidade, o estudo abre caminhos promissores. A metodologia pode ser aprofundada por meio de novas aplicações em diferentes ambientes, permitindo observar como a Roda opera em contextos marcados por outras dinâmicas territoriais, ecológicas e sociopolíticas. Também se mostra relevante investigar como a abordagem pode apoiar processos de planejamento participativo, educação ambiental, gestão comunitária de territórios ou iniciativas de transição ecológica. Outra frente envolve o desenvolvimento de instrumentos de avaliação qualitativa que permitam acompanhar, ao longo do tempo, os impactos da Roda na formação de vínculos, na imaginação coletiva e na construção de práticas sustentáveis.

Por fim, há potencial para integrar a Roda do Futuro a outras metodologias de design regenerativo e decolonial, ampliando seu alcance e fortalecendo seu caráter de tecnologia social viva, capaz de girar, se adaptar e se reinventar continuamente. A Roda do Futuro não é simplesmente um modelo a ser replicado, mas um convite a continuar girando, a reinventar as formas de aprender, imaginar e agir coletivamente, um exercício contínuo de contracolônização dos modos de pensar o amanhã.

Referências

- BISPO, Antonio dos Santos. (2023). **A terra dá, a terra quer**. São Paulo. Ubu Editora/Piseagrama, 2023.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro. Cobogó, 2021.
- MIGNOLO, Walter D. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, e329402, 2017.
- NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar**. São Paulo. Planeta do Brasil, 2023.

WAHL, Daniel. C. **Design de Culturas Regenerativas**. Rio de Janeiro.
Bambual Editora, 2020.